

COLUNA DO ZANGÃO

“Comunicação é a arte de ser entendido”

Peter Ustinov (1921-2004)

Quando me iniciei nas lides jornalísticas, há sensivelmente 48 anos (curiosa data, mas nada de aleivosias) a profissão era aprendida, com os mais velhos, nas redações. Não existiam estabelecimentos de ensino para jornalismo escrito ou falado quer para rádio ou televisão. Tal circunstância não impediu que surgissem nomes de excelentíssima qualidade, alguns já desaparecidos, contudo ainda hoje lembrados.

Desde há alguns anos que existem cursos superiores de jornalismo, com licenciatura, mestrado e doutoramento, onde se ministram ensinamentos de técnica de comunicação e de expressão de português; língua e expressão do português; sociologia da comunicação; discurso jornalístico e muitas mais matérias.

Não pretendo dizer, nem sequer insinuar, que nos nossos dias não existem, nos diversos meios de comunicação social, escrita ou falada, excelentes profissionais porque isso seria um erro crasso.

É do conhecimento de todos a “rivalidade” e competitividade que prolifera nos meios de comunicação. O sensacionalismo, a ânsia do “fomos nós os primeiros a informar” penso que tem os seus custos.

Nas reportagens do exterior, podemos contabilizar um número apreciável de jornalistas que, quicá mercê do seu nervosismo em querer mostrar o seu valor, a vontade legítima, de singrar na profissão, os resultados não são os melhores. Provavelmente já todos repararam na quantidade de “então” utilizados. E agora está melhor, provavelmente uma reminiscência da austeridade imposta pela troika, pois tempos houve que se usava e abusava de “então é assim”.

Alguns exemplos, excluindo os abundantes pleonasmos, redundâncias e o inevitável “então”:

*** “Três agentes da P.S.P. três elementos da Polícia de Segurança Pública...”

*** “Concerto de Sérgio Godinho, aqui na Baixa do Chiado em Lisboa, na capital, está uma multidão de gente, um mar de pessoas, vêm-se muitas cabeças de pessoas também para assistirem a futuros concertos...”

**** “Capotou um carro, uma viatura que apenas tinha um ocupante, uma mulher, uma condutora que foi socorrida pelos bombeiros...”

Vejam os noticiários, verão que vale a pena.

Victor Sengo

A MEU VER

Zinco e ouro

A prémio Nobel de Literatura, Svetlana Alexievich – a primeira jornalista a receber tal galardão – no seu livro “Rapazes de Zinco” faz o relato do reverso da medalha de uma guerra que decorreu entre 1979 e 1989, com origem na intervenção da então União Soviética no Afeganistão, sob a capa de um pedido do governo afegão para combater os “terroristas”.

Para os americanos, foi a oportunidade de ouro de se desferrarem do desastre do Vietname. Apoiaram abertamente os insurgentes, a quem instruíram, armaram e equiparam – até descobrir, mais tarde, que toda essa máquina se tinha virado contra eles, através de uma organização difusa que todos conhecem hoje como Al-Qaeda. Svetlana Alexievich não mediu as palavras, e deu a conhecer ao Mundo qual era o verdadeiro impacto da guerra na sociedade soviética, evidentemente a troco de alguns dissabores (um eufemismo). E ficámos todos a saber que a velha regra do determinismo é infalível: as mesmas causas, nas mesmas circunstâncias, produzem os mesmos efeitos. Nem é preciso que sejam iguais: basta serem semelhantes. Assim, as guerras irregulares, assimétricas, revolucionárias, de libertação, ou o que lhes queiram chamar, da Argélia, do Vietname, do Afeganistão ou a nossa Colonial, tiveram o mesmo efeito: o desgregar da sociedade, a contestação do poder político e, no caso de regimes não democráticos, à queda do regime político.

Nos “Rapazes de Zinco” transparecem os sentimentos de desânimo, desmotivação e descrença no argumento do “combate solidário e internacionalista” que tinha conduzido à guerra. A cruzada passou a ser uma obrigação, e a preocupação principal a de voltar são e salvo.

Coisas que a minha geração bem conhece...

Os tempos mudaram, mas temos de recordar a frase que Tomasi di Lampedusa, no seu livro “O Leopardo”, colocou na boca do Tancredi, o seu (anti) herói: *é preciso que algo mude para que tudo fique na mesma.*

Pois vemos a Rússia, depois de um eclipse como grande potência, retomar a postura dos velhos tempos czaristas e soviéticos. Constantes ou fatalidades?

As intervenções declaradas e apregoadas de russos e americanos na Síria carecem de apoio interno e externo, e isso não é fácil, sobretudo para os EUA, com uma imprensa livre (apesar do recurso ao argumento das “fake news” quando as notícias são desagradáveis).

Do lado russo, o controlo é maior, mas ainda assim longe do rigor dos tempos da URSS. Mas a qualidade dos líderes também mudou.

A Guerra do Afeganistão custou à então União Soviética quinze mil mortos e quatrocentos e cinquenta mil feridos e doentes. Destes últimos, boa parte com problemas de reintegração, e um dedo apontado aos efeitos secundários (?) do conflito.

E as dificuldades de readaptação aumentam com o sentimento de inutilidade da guerra (se não da derrota), e na proporção direta da indiferença ou mesmo da hostilidade da população.

Coisa que nós portugueses, também conhecemos.

Escreveu Suen Tse, o grande teórico chinês do século V A.C., no seu livro “A Arte da Guerra”, onde Mao Ze Dong foi buscar (plagiar) as suas teorias de guerrilha: nunca país algum lucrou com uma guerra prolongada.

Caso as intervenções se prolonguem, lá temos a fenómeno da lassidão, a melhor arma do fraco contra o forte: o fraco tem pouco ou nada a perder, mas o forte tem muito, sobretudo na qualidade de vida, e por isso é difícil de sustentar a guerra.

Vladimir Putin tem vindo a conquistar a reputação de político e estratega hábil, e tem-no conseguido não pela transparência dos métodos ou pela moralidade dos atos; tem antes agido em conformidade dos preceitos de Nicolau Maquiavel, para quem a ética na política era tão despropositada como era humanidade na guerra para Carl von Clausewitz: algo a respeitar só se houvesse reciprocidade. Não havendo...

Ora Putin carecia de algo que redourasse a guerra na Síria, para além do regresso da Rússia ao concerto dos grandes.

O episódio do major Roman Filipov, o piloto do avião de ataque SU-25 (equivalente ao A-10 americano) derrubado na Síria, deu-lhe o que precisava. Aí está um piloto que, abatido e ferido, continuou a combater, a tiro de pistola e por fim detonando uma granada de mão, levando consigo alguns inimigos, enquanto os desafiava. Decerto sabia que estaria melhor morto do que preso pelos guerrilheiros; mas a sua atitude foi notável.

A ocasião era única, e Putin não a perdeu. Recorrendo até ao seu novel aliado (de circunstância), o Presidente Turco Recep Erdogan, conseguiu repatriar o corpo do piloto e fazer-lhe funerais de estado e condecorando-o a título póstumo como Herói da Federação Russa, tudo com a cobertura mediática que tal gesto impunha.

Sucesso completo: a galantaria de Roman Filipov foi reconhecida em todo o Mundo, e um novo herói engrandeceu a galeria onde já estavam Alexander Nevsky, Alexandrer Suvorov, Kouzma Minine e tantos outros heróis russos (invocados, num momento de aperto, por Estaline, aquando a invasão alemã de 1941).

E assim a estrela dourada da condecoração foi solenemente imposta sobre o caixão do major Roman Filipov. Não numa caixa de zinco, mas num belo caixão, transportado por camaradas de armas e com as honras da praxe.

Ou seja, passou-se do zinco ao ouro...

Nuno Santa Clara



EM CASA

...mantenha as quotas em dia!